

ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Roziane Aguiar dos Santos

Mestra em Educação/ Formação de Professores -UESC. Tutora do curso de Pedagogia UAB/UESC/EAD- Brasil; Participante do Grupo de pesquisa Políticas Públicas e Gestão na Educação – UESC. E-mail: roziaguiair@hotmail.com

Andreia Cristina Freitas Barreto

Mestra em Educação – UESC. Professora da Universidade Estadual do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: andreyafreitas@hotmail.com

Islândia de Oliveira Menezes

Mestranda em Educação – UFSB. Professora da Educação Básica da prefeitura municipal de Itabuna-Bahia. E-mail: landinhasorriso@hotmail.com

Resumo: A aprendizagem requer que, além do conhecimento do princípio alfabético, o aluno também conheça as diferenças que há entre o sistema oral e o escrito. Um aspecto relevante é a importância da consciência fonológica para a alfabetização. Sendo fundamental que sejam trabalhadas as habilidades em consciência fonológica antes e durante o processo de alfabetização. Este trabalho é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa. Tem como objetivo principal analisar a relação entre consciência fonológica e aprendizagem da leitura e da escrita em crianças em fase de alfabetização. Ainda, propõe-se a entender aspectos pertinentes à aquisição da leitura, por meio das atividades que serão analisadas do livro de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Fundamental, que possam contribuir para estimular a consciência fonológica. Após a análise do livro constatamos que, apesar de trabalhar com os diferentes gêneros textuais, na perspectiva de alfabetizar letrando, foram poucas as atividades em que os alunos eram chamados a refletir sobre segmentos gráficos e orais das palavras, a observar as relações entre estes, a analisar rimas e aliterações de palavras semelhantes, a comparar palavras quanto ao tamanho (quantidade de sílabas e de letras) ou mesmo a explorar a diversidade de sons que um mesmo grafema assume em nossa notação escrita. Contudo, ensinar o sistema alfabético numa perspectiva construtivista é uma busca permanente. Estaremos sempre de algum modo, reinventando a alfabetização. Nunca teremos “uma” proposta única, um método perfeito e salvador.

Palavras chave: Alfabetização. Consciência fonológica. Leitura e escrita.

INTRODUÇÃO

Afinal, o que é alfabetizar? Alfabetizar é ensinar o segredo do código alfabético. É ensinar a ler e escrever. No entanto, algo que parece tão simples tem sido objeto de muitas controvérsias. No conceito mais estrito de alfabetização, alfabetizar significa ensinar o aluno a decifrar o código alfabético. Esse conceito abrange as capacidades de decodificar (uma palavra escrita num fonema) e de codificar (um fonema numa palavra escrita).

Primeiramente, é necessário compreender que a aprendizagem do sistema alfabético pela criança é fundamental, já que a alfabetização é um processo de aquisição e apropriação de um sistema de escrita. Essa ideia é consenso entre muitos estudiosos (MORAIS, 2004; SCLiar-CABRAL, 2007; SOARES, 2004). A aprendizagem requer que, além do conhecimento do princípio alfabético, o aluno também conheça as diferenças que há entre o sistema oral e o escrito. Um aspecto relevante é a importância da consciência fonológica para a alfabetização. Sendo assim, é importante que sejam trabalhadas as habilidades em consciência fonológica antes e durante o processo de alfabetização.

Outro aspecto importante a ser observado no ensino da língua escrita é que esta seja desenvolvida em um contexto de letramento, o qual possibilite que a criança participe de eventos que envolvam leitura e escrita (SOARES, 2004). Aprender a lidar com a língua escrita não é suficiente para chegar ao letramento. A criança necessita ser alfabetizada e saber fazer o uso da leitura e da escrita em diversas situações a que for exposta. Contrariamente a esta perspectiva, temos defendido (MORAIS & ALBUQUERQUE, 2004; MORAIS, 2005a) que o sistema de notação alfabética constitui em si um domínio cognitivo, um objeto de conhecimento com propriedades que o aprendiz precisa reconstruir mentalmente, a fim de vir a usar, com independência, o conhecimento de relações letra-som, que lhe permitirá ser cada vez mais letrado.

Este trabalho é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa que foi desenvolvido após alguns estudos de (MORAIS, 2012) “Sistema de Escrita Alfabética”; e (FERREIRO, 2013) “O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: Seleção de textos de pesquisa.” Entendemos que o mesmo, apresente uma importância significativa para que possa acontecer estudos mais aprofundados sobre a consciência fonológica, descrevendo os seus passos para entender as unidades “letra”, “sílabas” e “palavra” em um texto e consequentemente venha acontecer melhoria da prática dos profissionais de educação no processo de alfabetização. Tem como objetivo principal analisar a relação entre consciência fonológica e aprendizagem da leitura e da escrita em crianças em fase de alfabetização.

Ainda, propõe-se a entender aspectos pertinentes à aquisição da leitura, por meio das atividades que serão analisadas do livro de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Fundamental, que possam contribuir para estimular a consciência fonológica.

Acreditamos que o desenvolvimento de habilidades fonológicas seja uma condição para o aprendiz se apropriar do Sistema Escrito Alfabético - SEA. Pois, alfabetizar é uma atividade complexa, que exige profissionalização, planejamento, conhecimentos de diversos tipos, e compromisso, sendo necessário, portanto, dedicação aos estudos e ao desenvolvimento das próprias capacidades cognitivas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A consciência fonológica no processo de alfabetização com crianças segundo Morais (2005, p.73) é de que “uma criança está exercendo um funcionamento que chamamos de metalinguístico, isto é, ela está exercitando uma capacidade humana de reflexão consciente sobre a linguagem”, dessa maneira a faria essa prática todas as vezes que não apenas usasse as palavras para se comunicar, mas também para refletir sobre suas características e peculiaridades como semelhança sonora com outras palavras, sem muito se importar com seu significado. Quando o aluno faz uso das habilidades metalinguísticas, busca compreender a palavra como um todo, fazendo associações com conhecimentos prévios que o mesmo já tem da língua escrita, da mesma maneira acontece com a reflexão fonológica, buscar semelhanças com sons iniciais ou finais, por exemplo, permite que ele compreenda o uso repetido dos grafemas para a representação também repetida de um fonema.

Diferentes estudiosos da consciência fonológica e defensores do método fônico no Brasil e no exterior (cf., por exemplo, CAPOVILLA, CAPOVILLA, 2000; MORAIS, 1996) assumem literalmente que a escrita alfabética seria um “código” e que as crianças, para dominá-lo, precisariam apenas aprender o “princípio alfabético”, isto é “compreender que em nossa escrita as letras representam os sons da fala”. Temos defendido que a escrita alfabética é um *sistema notacional* e não um código (cf. MORAIS, 2005a) e que o aparentemente simples domínio do tal “princípio alfabético” pressupõe um complexo trabalho cognitivo, que implica compreender as propriedades daquele sistema e distingui-las das que caracterizam outros sistemas simbólicos (como a notação numérica decimal).

As evidências resultantes de diferentes estudos em que são analisadas as habilidades de crianças para refletir sobre unidades sonoras de palavras (cf. MORAIS & LIMA, 1989;

MORAIS, 2004) demonstram que, de fato, há uma relação entre o nível de compreensão sobre a escrita alfabética alcançado pelo aluno, tal como descrito pela teoria da psicogênese da escrita, e o tipo de habilidades metafonológicas que ele já desenvolveu. Sendo assim, se o sistema de escrita alfabético é um objeto de conhecimento em si, é necessário desenvolver metodologias de ensino que levem o aprendiz a, quotidianamente, refletir sobre as propriedades do sistema e, progressivamente, aprender e automatizar suas convenções. A compreensão das propriedades da escrita alfabética requer o desenvolvimento de habilidades fonológicas que a escola deve promover em lugar de esperar que os alunos, sozinhos, as descubram. A promoção da consciência fonológica (e não só fonêmica) pode ser realizada num marco mais amplo de reflexão sobre as propriedades do sistema alfabético, sem assumir o formato de “treino” e deve beneficiar-se, obviamente, da “materialização” que a escrita das palavras (sobre as quais reflete) propicia ao aprendiz. Isto se aplica tanto à alfabetização de crianças como à de jovens e adultos (cf. MORAIS, 2005 b, MORAIS & LEITE, 2005).

Entretanto, sabe-se que as dificuldades em aplicar à didática da alfabetização os princípios construtivistas de extração piagetiana, que fundamentam a teoria da psicogênese da escrita (FERREIRO & TEBEROSKY, 1979) são antigas em nosso Brasil (cf. MORTATTI, 2000). Afinal, uma teoria de aprendizagem do sujeito individual não pode ser confundida com uma proposta de ensino realizada no coletivo, numa instituição chamada escola. Ante as primeiras divulgações das etapas ou níveis de hipótese demonstrados pela teoria da psicogênese da escrita, passamos a viver dilemas como: “tudo bem, sei que vários de meus alunos estão silábicos ou pré-silábicos e que não compreendem, ainda, como as letras representam os sons. O que faço?” Na realidade, durante mais de uma década, o que predominou na formação inicial e continuada dos professores foi o acesso dos docentes à descrição do percurso evolutivo vivido pelo aprendiz, ao aprender o sistema alfabético e não uma discussão sobre formas de didatizar aquela informação.

Na verdade, o desenvolvimento da consciência fonológica parece estar relacionado ao próprio desenvolvimento simbólico da criança, no sentido dela vir a atentar para o aspecto sonoro das palavras (significante) em detrimento do seu aspecto semântico (significado). Com efeito, alguns estudos têm demonstrado que há um longo caminho a percorrer até que a criança perceba que a escrita não representa diretamente os significados, mas sim os significantes verbais a eles associados. E mesmo quando ela descobre essa relação entre escrita e fala, ainda há todo um processo de elaboração cognitiva no sentido de compreender

como se dá essa relação, a saber, através da correspondência entre grafemas e fonemas (Ferreiro & Teberosky, 1986). Segundo Morais (2012);

(...) o desenvolvimento de habilidades fonológicas é uma condição necessária, mas não suficiente, para uma criança atingir uma hipótese alfabética, algo que, sempre é bom lembrar, não é o mesmo que está alfabetizado. Se discordamos de Ferreiro quando reconhecemos que os aprendizes precisam pensar nos segmentos sonoros das palavras para poder compreender como a escrita funciona, concordamos completamente com essa genial teórica quando nos ensina que a compreensão do alfabeto envolve um conjunto de processos cognitivos nada simples. (MORAIS, 2012, p. 91).

Entendemos que a escrita alfabética é uma invenção cultural e que a escola se constitui em um fator primordial para ajudar o aluno a descobrir suas propriedades, defendemos assim, um trabalho pedagógico em que professor e aluno participem sistematicamente de momentos de reflexão fonológica.

Por sua vez, Morais (2006), em seu artigo Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”? Afirma que, as crianças pequenas não precisam ser “torturadas” ou “forçadas precocemente” a entrar na ordem da escrita. O que tem que haver, na verdade, segundo Soares, são “múltiplas metodologias, algumas caracterizadas pelo ensino direto, explícito e sistemático, particularmente a alfabetização, outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças” (2004, p.16). A descoberta dos estudos acerca do letramento contribuiu para que cada vez mais se possa examinar com mais cuidado as práticas escolares e extraescolares de leitura e produção de textos que estão sendo desenvolvidas na escola.

Procuramos também nas ideias de Paulo Freire características do letramento e da importância da leitura, leitura que para ele tem por finalidade inserir o indivíduo em um contexto de conhecimento e sabedoria para uma formação de conhecimento, algo que uma educação bancária não objetiva. “(...) o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem.” (FREIRE, ,2009, p.60). Assim, a leitura segundo Freire, deve acontecer não apenas como um ato de decodificação de palavras e conhecimento de sons, mas sim, uma leitura que envolva aspectos sociais, culturais e humanos e que seja capaz de despertar na criança novos conhecimentos sobre o mundo.

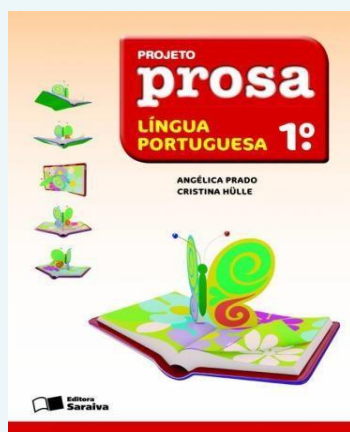
Contudo, para que a proposta dos autores aconteça na alfabetização, é necessário que ocorram mudanças importantes em vários segmentos da educação, essas mudanças vão desde

a reforma dos currículos dos cursos de formação de professores Magistério e Pedagogia até as instâncias governamentais que organizam os currículos do Ensino Fundamental.

CAMINHO METODOLÓGICO

Para tal perspectiva, optamos pela abordagem qualitativa, na qual, segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Esse tipo de pesquisa, conforme afirma Minayo (1994), responde a questões particulares e trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Assim no intuito de verificar a contribuição de algumas atividades para o desenvolvimento da consciência fonológica, na aquisição da leitura, é que procuramos analisar o livro didático:



Livro Projeto Prosa: Letramento e alfabetização, 1º ano/ das autoras Angélica Prado, Cristina Hulle. 4 ed. Saraiva. São Paulo, 2011. A escolha pela análise deste livro se deu, pelo fato do mesmo ter sido adotado no ano de 2014 pelos professores do ensino fundamental dos anos iniciais do município de Itaju do Colônia- Bahia, município em que faço parte do quadro dos profissionais da educação.

O material apoia-se no estudo dos gêneros e de seus portadores sociais para o desenvolvimento das capacidades linguísticas. Segundo a autora, as atividades propostas pela coleção devem auxiliar o professor a observar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema e/ou gênero textual, estimular o relato de experiências próprias vinculadas ao assunto tratado, incitar a análise e a reflexão com questões que possibilitem o levantamento de hipóteses e de inferências sobre o texto e a intencionalidade discursiva, assim como, socializar opiniões e/ou conclusões por meio de debates. Percebe-se que o livro, apresenta um conjunto de atividades

que poderão promover a Consciência Fonológica, em que todas as atividades são mostradas com letras bastão, mas também apresenta textos e atividades que valorizam o desenvolvimento de letras cursivas. De um modo geral, o livro consegue apresentar as atividades dentro de contextos mais amplos da consciência fonológica, através de rimas, músicas, histórias em quadrinhos, contos, parlendas e demais gêneros textuais, mas a prioridade é dada para a Consciência unidade de sílaba e palavras.

As atividades apresentadas neste trabalho serão analisadas em níveis de consciência silábica e consciência fonêmica. Pois, sabe-se que o estabelecimento da relação entre a fala e a escrita, quando bem conduzido, pode contribuir para o bom desempenho das crianças em atividades de leitura e escrita. Conforme afirma Morais (1996), os programas que exercitam habilidades de análise fonêmica e correspondências entre as letras e os sons permitem progressos significativamente mais importantes em leitura e escrita do que aqueles que só exercitam uma dessas competências. Dessa forma, como refere Morais (2004), desenvolver habilidades em consciência fonológica é condição necessária, mas não suficiente, para o sucesso da alfabetização. Além de desenvolver habilidades metafonológicas, é necessário aliá-las a um sistema de escrita, nesse caso o sistema alfabético do Português, que, para o autor, é denominado de sistema de notação alfabética (SNA).





Observamos que as atividades acima apresentam o desenvolvimento da consciência silábica, em que os alunos podem também utilizar o alfabeto móvel, pois manusear as letras facilita a percepção das possibilidades de trocá-las, sendo importante também conhecer outras possibilidades de trocas de letras, como é o caso da atividade com enigma, para se formar novas palavras. Conforme explica Morais (2012), o fato de as mesmas letras aparecerem repetidas cria a situação de conviver com letras como um conjunto de classes de elementos iguais. O trabalho com sílabas permite que as crianças comecem a perceber as unidades sonoras que compõem as palavras, assim a palavra falada passa ser separada em unidades silábica, definindo quantidade de letras que a compõem. A conjugação da reflexão sonora com a análise de forma escrita das palavras deve ocorrer sempre que possível. Também é importante salientar que a apropriação do SEA não acontece rapidamente. Trata-se de um processo, que “pressupõe um percurso evolutivo, de reconstrução, no qual a atividade do aprendiz é o que gera, gradualmente, novos conhecimentos rumo à ‘hipótese alfabética’” (MORAIS, 2012, p. 52).



PALAVRA PUXA PALAVRA

1. VOCÊ JÁ SABE QUE AS PALAVRAS SÃO FORMADAS POR CONSOANTES E VOGAIS. VAMOS DESCOBRIR QUE LETRAS FORMAM ESTAS PALAVRAS? OBSERVE O EXEMPLO.

C = CONSOANTE L A G O
V = VOGAL C V C V

• COLOQUE O CÓDIGO MOSTRANDO SE A LETRA É CONSOANTE OU VOGAL.

 B I C O  P A T O
C V C V C V C V

 P A T A  P E N A
C V C V C V C V

2. OBSERVE ESTE QUADRO DE CONSOANTES.

P T R M G F L

• SUBSTITUA A CONSOANTE DESTACADA POR UMA QUE APARECE NO QUADRO.

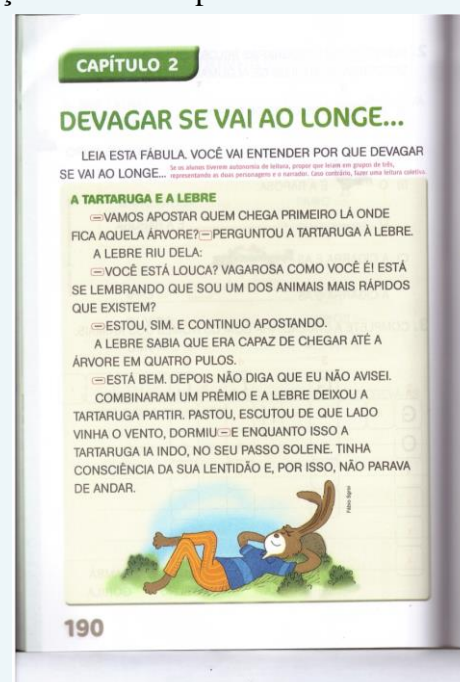
BICO Sugestões: pito, tico, rito, mico, fita.

Ainda sobre a consciência silábica, percebe-se que nesta atividade, o reconhecimento de consoantes e vogais (CV- CVCV) nas palavras auxilia no processo de alfabetização. Disto resulta uma visão unidirecional que vai além do oral ao escrito; a análise de fonemas é necessária para ler a sequência de letras. Como demonstrou Ferreiro (1985), para aprender como o SEA funciona, a criança também vive um sério trabalho conceitual, por meio do qual vai ter que desvendar duas questões: o que as letras notam (isto é, registram)? e como as letras criam notações(ou palavras escritas)? Diante das verificações, é coerente trazer o que afirma Morais (2012) “Ser capaz de identificar palavras que compartilham apenas o mesmo fonema (e não toda a sílaba) inicial é importante para se alcançar uma hipótese silábico-alfabética ou alfabética de escrita”.



As atividades apresentadas acima desenvolvem a consciência fonêmica, por trabalhar com textos de parlendas e adivinhas, que além de possibilitar uma melhor compreensão do texto, pode-se também trabalhar a escrita e as diferenças e localização das palavras de maneira alegre e divertida pelo professor. Quando acompanhamos, cuidadosamente, a evolução da escrita espontânea das crianças, vemos que elas elaboram hipóteses semelhantes, descobertas por Ferreiro e Teberosky (1986). Sim, é preciso deixar as crianças escreverem como sabem (e não só copiarem palavras escritas corretamente pela professora), para podermos detectar em que nível de compreensão de nosso sistema alfabético o menino ou a menina se encontram.

Atualmente, sabe-se que há uma relação de reciprocidade e interdependência entre a consciência fonológica e a aquisição de leitura e escrita. Assim, a consciência fonológica facilita o processo da aprendizagem da leitura e escrita e este último processo favorece o desenvolvimento da CF, particularmente da consciência fonêmica. Segundo Morais (1995), para a consciência de fonemas são necessárias instruções expressas sobre a estrutura da escrita alfabética, no intuito de familiarizar a criança com o mapeamento que está escrita faz dos sons da fala. Vale ressaltar que, as instruções para o desenvolvimento da habilidade de manipular os sons da fala, bem como as instruções para desenvolver a habilidade de converter esses sons em escrita e vice-versa, devem ser realizadas de modo a tornar explícito à criança estas correspondências (Capovilla & Capovilla, 2003). (FREITAS, 2004; MORAIS, 2004, 2010; LEITE, 2011) constataram que, à medida que avançavam em direção a uma hipótese alfabética de escrita, as crianças também tendiam a avançar em suas capacidades de refletir sobre as partes sonoras das palavras.



Passamos a analisar agora mais uma atividade extremamente rica e interessante, que são os textos que tratam de fabulas, contos dentre outros, onde as crianças poderão expressar a sua opinião oralmente e de forma escrita, desenvolver o seu senso crítico, escrever de forma espontânea e desarticulada. Devemos estar atentos para o fato de que, mesmo a criança ter alcançado uma hipótese alfabética não é sinônimo de estar alfabetizada. Se já compreendeu como o SEA funciona, a criança tem agora que dominar as convenções som-grafia de nossa língua. Esse é um aprendizado do tipo não conceitual, que vai requerer um ensino sistemático e repetição, de modo a produzir automatismos. Segundo (MORAIS e SILVA, 2006), vemos que, na perspectiva de alfabetizar letrando, temos que ajudar nossos alunos a produzir textos melhores, tanto no âmbito que denominamos “da textualidade”, que envolve aspectos como a organização composicional, a coerência, a coesão, a escolha do léxico adequado ao gênero, como no âmbito da normatividade, que envolve aspectos como a observância da ortografia, o uso da concordância verbo-nominal, o emprego dos tempos verbais e da regência verbal.

As atividades que envolvem a consciência fonológica devem ser lúdicas, tendo como objetivo não um ensino ou um treinamento, mas a pretensão de desenvolver as habilidades em consciência fonológica a partir de brincadeiras muitas vezes corriqueiras em sala de aula, incentivando a criança a participar ativamente das atividades e a construir suas próprias hipóteses. Essas atividades proporcionam o desenvolvimento das habilidades das crianças em lidar com os sons e preparam para futuras tarefas que relacionem as unidades sonoras aos grafemas.

Após a análise do livro constatamos que, apesar de trabalhar com os diferentes gêneros textuais, na perspectiva de alfabetizar letrando, foram poucas as atividades em que os alunos eram chamados a refletir sobre segmentos gráficos e orais das palavras, a observar as relações entre estes, a analisar rimas e aliterações de palavras semelhantes, a comparar palavras quanto ao tamanho (quantidade de sílabas e de letras) ou mesmo a explorar a diversidade de sons que um mesmo grafema assume em nossa notação escrita. Enfim, o que, observamos, nos últimos anos, tanto nos novos livros didáticos de Alfabetização (cf. MORAIS & ALBUQUERQUE, 2005) como na prática de professores alfabetizadores que acompanhamos (ALBUQUERQUE, FERREIRA & MORAIS, 2005) é certa falta de clareza, entre estudiosos e docentes, quanto à necessidade de ensinar, sistematicamente, as propriedades da escrita alfabética e suas convenções. No caso dos novos livros didáticos de alfabetização, substitutos das antigas cartilhas, verificamos que, ao lado de um rico repertório textual e de práticas frequentes de leitura de gêneros escritos variados, os professores

encontram poucas atividades que levem o aluno a compreender como funciona o sistema de notação alfabética e a explorar as relações som-grafia.

Contudo, ensinar o sistema alfabético numa perspectiva construtivista é uma busca permanente. Estaremos sempre de algum modo, reinventando a alfabetização. Nunca teremos “uma” proposta única, um método perfeito e salvador. Precisamos desenvolver na hora de educar, metodologias de alfabetização variadas para tentar contemplar as diferenças que marcam nosso modo de conceber o SEA e o seu aprendizado. Corroboramos com a visão de Paulo Freire (2009), em que a leitura e escrita não se resume ao seu acesso antes da alfabetização exclusivamente, mas, o que deve prevalecer durante todo o processo de ensino aprendizagem é a leitura do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante salientar que, após estudos sobre a consciência fonológica compreendemos que há muito que se “descobrir”, “reinventar” e também “aprender”. Precisamos está aberto ao novo, e a partir daí encontrar diferentes maneiras de desconstruir e reformular conceitos fórmulas antes já definidas e pré-estabelecidas. Entendemos que do ponto de vista pedagógico, a consciência fonológica em seus diversos níveis, léxico, silábico e fonêmico não é uma simples habilidade a ser mecanicamente treinada, mas sim uma capacidade cognitiva a ser desenvolvida, a qual está estreitamente relacionada à própria compreensão da linguagem oral enquanto sistema de significantes. Na verdade, a consciência que a criança progressivamente adquire a respeito da sua linguagem oral, envolve um complexo processo de desenvolvimento simbólico que inclui a percepção das diferentes funções da linguagem, a diferenciação consciente entre significantes e significados e continua por um longo tempo mesmo depois que ela se torna capaz de utilizar a linguagem de forma eficaz em seu ambiente social.

Assim, a reflexão fonológica nos possibilita enquanto educadores, a interação com o educando na construção do conhecimento, bem como refletir caminhos para que haja uma mudança significativa no processo de escolarização das crianças, no intuito de tentar contribuir de forma positiva para uma aprendizagem satisfatória. Pois, precisamos contribuir nas escolas para a transformação e não para a deformação no que tange ao processo de Alfabetização.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAPOVILLA, Alessandra; CAPOVILLA, Fernando. **Treino de consciência fonológica e seu impacto em habilidades fonológicas, de leitura e ditado de pré-3 a segunda série**. *Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação*, v. 1, n. 2, 1997. p. 461 – 532.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 284
- FERREIRO, E. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**: seleção de textos de pesquisas; tradução de Rosana Malerba. Cortez, São Paulo, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. ed. RJ, Paz e terra. 2005.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- MORAIS A. G. **A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 35-48, 2004.
- MORAIS, Arthur Gomes. **Concepções e metodologias de alfabetização: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?** *Anais ENDIPE*, 2006. Disponível em <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Enfund/alf_moraisconcpmetodalf.pdf> Acesso em 15.fev.2014.
- MORAIS, A. G. **Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização?** Em MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E. e LEAL, T. *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005 a, pp. 29-45.
- MORAIS, A. G. **O desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica em adultos e jovens pouco escolarizados: seu papel no aprendizado do sistema de escrita alfabética**. In LEAL, T. & ALBUQUERQUE, E (orgs.) *Desafios da educação de jovens e adultos – construindo práticas de alfabetização*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2005b, pp. 151-172.
- MORAIS, A. G. & ALBUQUERQUE, E. B. C. **Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como alfabetizar letrando?** In LEAL, T. F. e ALBUQUERQUE, E.B. C. *Alfabetizando jovens e adultos letrados: outro olhar sobre a educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORAIS, A. G. & ALBUQUERQUE, E. B. C. **Novos livros de alfabetização: dificuldades em inovar o ensino do sistema de escrita alfabética.** In COSTA VAL, M.G. & MARCUSCHI, B.(orgs.) Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, ALBUQUERQUE & FERREIRA. **Mudanças didáticas e pedagógicas nas práticas de alfabetização: que sugerem os novos livros didáticos? que dizem/fazem os professores?** Relatório Final de Pesquisa dirigido ao CNPq. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MORAIS, A. G. ; LEITE, T.S. **Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos?** In MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E. e LEAL, T. *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética.* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005, pp. 71-88.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização.** Presença pedagógica. Belo Horizonte, n. 52, p. 15-21, jul./ago., 2003.